

O ANUÁRIO DO IBGE E ALLYRIO DE MATTOS

Ronaldo Rogério de Freitas Mourão

O lançamento do Anuário Estatístico do IBGE foi motivo de várias análises sobre as condições de vida do povo brasileiro. Muitas delas aproveitadas para denunciar a situação crítica de nossa sociedade. É, sem dúvida, uma obra fundamental para aqueles que desejam conhecer a real situação do nosso país. Infelizmente, nenhuma ênfase foi dada nos jornais ao astrônomo brasileiro Allyrio de Mattos, a quem com muito mérito é dedicado o volume de 1992, uma justiça que o IBGE faz a um dos seus mais ilustres funcionários.

A história dessa dedicatória é uma prova de competência e modéstia, exemplo de como devem agir as autoridades diante de uma crítica. Em 14 de agosto de 1989, escrevi um artigo nesta coluna, em que recordava a figura ímpar de Allyrio de Mattos e estranhava o esquecimento do seu centenário. O reparo não era voltado para o IBGE, mas a todos os órgãos que tiveram a colaboração do trabalho de Allyrio. Todavia o IBGE, órgão com suficiente autocritica, teve a coragem de me procurar três anos depois, recordando a frase com a qual concluí o artigo: “*Pobre do país que esquece aquele que o mapeou*”. Seus funcionários Alvaro Pavan e Nelson de Castro Senra convidaram-me para redigir a dedicatória e preparar uma breve biografia desse astrônomo do Observatório Nacional. Na realidade, ainda existem, no âmbito do serviço público homens sensíveis às críticas e decididos a reparar os erros do sistema. O Anuário de 1992, com a sua rica coleção de dados, honra esse órgão do governo. Aqueles que não leram o artigo de 1989 devem estar perguntando: Quem foi Allyrio de Mattos?

O nosso homenageado formou-se em engenharia na Escola Politécnica, em 1913, e foi nomeado, dois anos mais tarde, preparado nessa escola de engenharia.

Em 1926, defendeu tese de livre-docente da cadeira de Topografia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, com a monografia "*Cálculo das Compensações aplicado à topografia*" (1926).

Em 1917, foi admitido por concurso para o cargo de astrônomo do Observatório Nacional, onde se ocupou da determinação da hora pela observação meridiana de estrelas fundamentais até 1938, quando em virtude da lei que proibia acumulação, foi obrigado a optar pelo cargo de professor catedrático de Astronomia de Campo e Geodésia Elementar da Escola Politécnica, que havia obtido, em 1930, com as teses "*Problema moderno da hora*" e "*Determinação de latitude*", num disputado concurso, em que concorreu com Lélío Gama e Mário Rodrigues de Sousa.

Ainda no Observatório Nacional, colaborou na implantação dos sinais horários, radiotelegráficos do Serviço da Hora.

Além de ter escrito "*Astronomia de Campo*" (1920), livro-texto fundamental na formação da maior parte dos estudiosos que se dedicaram à determinação de posições absolutas ou relativas na superfície terrestre, durante meio século Allyrio foi o responsável, no Brasil, pelo programa de mapeamento do território nacional, no período em que trabalhou para o Conselho Nacional de Geografia, atual IBGE. De fato, ao verificar a total inexistência de coordenadas geográficas que permitissem a confecção de mapas precisos, planejou uma *Campanha de Coordenadas Astronômicas* sob a sua direção. Mais tarde, em 1944, implantou um serviço de triangulação e, em 1946, o de nivelamento, ambos de primeira ordem. Nestes dois momentos, Allyrio introduziu novas técnicas e especificações ainda não usadas em cartografia, o que permitiu uma execução rápida e eficiente no mapeamento do Brasil.

A influência deste engenheiro-astrônomo de conversa agradável, sempre pronto a transmitir sua orientação e seus conhecimentos a quem o procurasse, foi de valor inestimável, à cartografia brasileira.